



OS MARCADORES DAS AFRICANIDADES NO CHÃO REDONDO DA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE

THE MARKERS OF AFRICANITIES ON THE ROUND FLOOR OF THE SCHOOL AND THEIR IMPLICATIONS FOR TEACHER TRAINING

Samuel Morais Silva¹
Sandra Haydée Petit²

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação da UFC. Justifica-se pela necessidade do corpo docente de uma escola pública da rede municipal de ensino ao relatar a ausência e lacuna na formação docente, no sentido da implementação da Lei Nº 10.639/2003. Assim, circunscreve como objetivo primordial desse estudo a possibilidade de afirmar uma mirada ancestral na formação docente, a partir dos marcadores das africanidades, numa perspectiva afrorreferenciada. O lócus de investigação é um grupo de professoras/es em efetivo exercício de sala em turmas do Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Apresentamos ações educativas que se deram no âmbito da pesquisa-pretagógica, que delineou possibilidades curriculares para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Para tanto, buscamos o aporte filosófico-teórico-metodológico na Pretagogia (Petit, 2015), um referencial que nasce do entrelaçar de raízes-saberes teórico-metodológico-filosóficas de muitas/os pesquisadoras/es relacionados/os ao Núcleo de Estudo das Africanidades Cearenses (NACE), um Núcleo de Estudo Afro-brasileiro, ligado à Faculdade de Educação da UFC (Meijer, 2019).

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores das africanidades. Pretagogia. Formação Docente.

ABSTRACT

This article is the result of a master's research conducted in the Graduate Program in Education of UFC. It is justified by the need of the teaching staff of a public school of the municipal school system to report the absence and gap in teacher training in the sense of the implementation of Law No. 10,639/2003. Thus, it circumscribes as the primary objective of this study the possibility of affirming an ancestral viewpoint in teacher education, based on the markers of Africanities in an Afro-referenced perspective. The research locus is a group of teachers in effective classroom exercise in classes of Elementary School - Early Years. We present educational actions that took place within the scope of the pretagogical research, which outlined curricular possibilities for the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture. To this end, we seek the philosophical-theoretical-methodological contribution in Pretagogia (Petit 2, 2015), a reference that arises from the intertwining of theoretical-methodological-philosophical roots-knowledge of many researchers related to the Center for the Study of Ceará Africanities (NACE), a Center for Afro-Brazilian Studies, linked to the Faculty of Education of the UFC (MEIJER, 2019).

KEYWORDS: Markers of Africanities. Pretagogia. Teacher Training.

¹ Professor da Rede Municipal de Educação do Crato-CE. Discente de doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduado em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (Urca). E-mail: samuelms1506@hotmail.com.

² Professora na Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora e Mestre em Ciências da Educação e Graduada em Línguas Estrangeiras Aplicadas pela Université Paris 8.



1 INTRODUÇÃO

Deseja-se, neste artigo, a partir de vivências pretagógicas com os marcadores das africanidades, apresentar possibilidades curriculares para a implementação da Lei N° 10.639/2003³, que reformulou a LDB (9.394/96) com o advento das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira (Brasil, 2004).

A proposta, na perspectiva de uma educação aforreferenciada⁴, intenta a desconstrução de métodos colonialistas de ensinar e busca possibilitar, ao professorado, dispositivos pretagógicos que considerem as influências das nossas raízes africanas ancestrais em suas práticas cotidianas (Leite, 2021).

É partir dessas influências afroancestrais que organizamos este trabalho, uma vez que, olhando para o repertório cultural enraizado em Crato, cidade onde foi realizada a pesquisa, percebemos os marcos ancestrais oriundos do continente africano e a ausência desses marcos na formação inicial e continuada dos professores que atuam na rede de ensino do município, o que implica em desafios, dificuldades e até mesmo na resistência de muitas/os educadoras/es para trabalhar a Lei 10.639.

Diante desse contexto, considerando que a implementação da citada lei se trata de uma decisão política com fortes repercussões pedagógicas, inclusive em relação ao acesso das/os professoras/es à formação inicial e continuada, conforme determina as Diretrizes (Brasil, 2004). Então, nos propomos, aqui, estudar com o objetivo de possibilitar uma pesquisa-pretagógica às/aos professoras/es, no intuito de valorizar os repertórios africanos marcados na cultura local e contribuir para o currículo da escola em torno da inserção do ensino das africanidades.

A pesquisa foi tecida na escola 08 de março, instituição vinculada à rede municipal de ensino, onde as africanidades deitaram suas raízes ancestrais e inspiraram ações formativas, valorativas da cosmopercepção africana⁵, conforme as ações mencionadas a seguir: A pisada

³ A Lei n° 10.639/03 alterou o artigo 26-A da Lei n° 9.394/1996, que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDBEN), tornando obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino.

⁴ Pensar um currículo aforreferenciado consiste em “[...] ter a tradição, a ancestralidade e o encantamento como guias, é reconhecimento e manutenção desses pilares fundantes que reinventam continuamente nosso existir em um mundo que continuamente nega nossa existência... conhecimento aforreferenciado é respeito pela diversidade, pela circularidade, pelas culturas e histórias que nos tecem, é movimento criando e ressignificando vidas” (Alves; Machado; Santos, 2018, p. 66).

⁵ Modos de perceber e sentir pedagogicamente, pensar e fazer didaticamente de corpo inteiro; em outras palavras: corpo e pensamento em ação pedagógica e didática. Desse modo, tal currículo é delineado por nossas percepções e



feminina do coco das mulheres da batateira; entrando na roda com o grupo de capoeira Muzenza e brincando com os reisados do Mestre Aldenir e baile do menino Deus.

2 CONTEXTUALIZANDO AS AFRICANIDADES BRASILEIRAS E CRATENSE

As incontáveis travessias além-mar, mar por qual se fizeram as travessias Brasil/África – África/Brasil, tantas vezes (in)completas, acompanhadas sempre de vozes ancestrais e muita saudade da terra-mãe África, mesmo diante de dores, torturas e sofrimentos nas embarcações sob os navios negreiros, não conseguiram desatar o tecido ancestral com o continente das lembranças das nossas irmãs e irmãos africanas e africanos, desunificar da memória a raiz forte, as folhas largas e os frutos prósperos com a terra-mãe. Não conseguiram apagar da parede da recordação os vínculos afrocomunitários, os enraizamentos fincados que permanecem se (re)fazendo, (re)criando, (re)constituindo o corpo e a alma de afro-brasileiros e afrodescendentes numa saudade e luta sem fim, como relatou um guineense⁶ a um dos autores do artigo. O professor Eduardo Oliveira (2007) reconhece essa

Saudade como um sentimento próprio da ancestralidade, posto que a saudade eivada de dor e lembranças de um território de origem motivou a rememoração e ressemantização de mitos e contos da África, e motivou a emersão de formas variadas de expressão da experiência africana em outros territórios. Os “negreiros”, além de uma viagem de dor e tortura, foi também uma usina de produção de signos e criatividade. [...] nestas embarcações a saudade tornava-se já um elemento de reapropriação de uma cultura (experiência) que à força era arrancada dos africanos. A saudade aumentava na mesma proporção que o poder criativo (Oliveira, 2007, p. 172).

O poder criativo, oriundo dessa saudade, encarnou-se na ancestralidade de um povo através de uma cultura negra que se molda aos tempos e aos espaços, influenciando em todos os aspectos da vida cotidiana de africanos, afrodiaspóricos e, assim, das/os suas/seus descendentes, ou seja, os nascidos lá e os nascidos cá. Influências essas que se encontram marcadas no jeito de ser e viver do povo brasileiro, em especial nos bairros negros, nas festividades, nas brincadeiras, nos cultos afroreligiosos, na arquitetura, na culinária, na tecnologia e em todo o legado herdado que se reinventa a partir da arte ancestral, pois

vivências oriundas de nossa ancestralidade africana, de seus valores e encantos que perpassam nosso cotidiano (Machado; Petit, 2020).

⁶ Diálogo tecido com um africano de Guiné-Bissau na cozinha da casa de um dos autores em 10/01/2017.



A arte cresce na medida em que cresce a dor da separação. Talvez isso explique o tom sempre metafísico-territorial da arte afrobrasileira. A arte africana é sempre um corpo que foge. É sempre uma face em diáspora. É sempre uma alegria contida e uma dor camuflada, pois até a dor haveria de ser abafada para que os africanos escravizados pudessem sobreviver.... As estratégias de sobrevivência transformaram a dor em arte e a saudade em criação (Oliveira, 2007, p. 172).

A arte africana é um modo de recriar, desde nossas lembranças, memórias, saudades, resistências, desde os nossos enraizamentos para a nossa reexistência. Nós somos constituídos por múltiplos enraizamentos inquebrantáveis e são essas raízes que estão presas por laços sem fim e nos unirá a nossa ancestralidade africana eternamente, nos sustentando, apoiando e potencializando nossa existência diaspórica no Brasil e no mundo.

Esse conjunto de raízes refere-se às africanidades brasileiras que se originaram na África e foram trazidas para o Brasil e “[...] re-desenham e re-definem a identidade nacional e, com isso, o projeto político, econômico e social brasileiro” (Oliveira, 2006, p.18). Dizendo de outra forma, as africanidades se reportam aos modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio das(os) negras(os) brasileiras(os) e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileira/o, fazem parte do seu dia a dia (Silva, 2003).

Na expectativa de apresentarmos as africanidades fincadas no cotidiano do povo cratense, recorreremos à professora e escritora Cicera Nunes ao afirmar que os grupos de reisados fazem parte do legado africano na cultura da região do Cariri cearense, em particular na cultura cratense, onde procuramos estudá-lo. O reisado é uma manifestação cultural de organização de base africana, oriunda do teatro urbano africano e das danças de cortejo, sendo esta uma característica marcante e comum a todas as danças e festas do catolicismo de preto (Nunes, 2011).

Mergulhando nos estudos da pesquisadora e brincante do coco, Alessandra Masullo (2015), é possível desenvolver mais uma interpretação de outro marcador das africanidades em Crato, enquanto um fenômeno ancestral atravessado pela dança do coco, que representa uma síntese da tradição africana, se materializando nas formas pelas quais os sujeitos se relacionam com os artefatos da brincadeira, como incorporam e sincretizam os rituais – a roda e o movimento circular, como utilizam os instrumentos e o corpo como elemento percussivo.

Já o capoeirista e pesquisador Orismidio Duarte da Silva (2020), aponta a capoeira, na citada cidade, como uma das manifestações mais relevantes das africanidades. Dessa forma, ela não é apenas um conjunto de movimentações para o corpo, é uma prática coletiva social e pedagógica



interdisciplinar de matriz africana e que deve ocorrer nas escolas cratenses vinculadas ao pensamento da afrodescendência e seus significados.

Portanto, essas manifestações invocam as sabedorias ancestrais assentes em uma gramática de similaridades, aproximações e confluências, porque partiram da mesma gênese. Desse modo, os indícios aqui apresentados levantam uma questão pertinente: a possibilidade desses marcadores, compreendidos socialmente, pedagogicamente e didaticamente como possibilidades curriculares para o ensino e aprendizagem das africanidades nas escolas das redes de ensino.

Hoje, a cidade do Crato não é conhecida apenas por sua exuberância ambiental. Se destaca também mundialmente, conhecida por ter uma rica e diversa cultura de base africana. As africanidades, que enaltecem e impulsionam a cultura local, são mais do que manifestações e festividades, são reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, para a manutenção da vida física, “[...] que se lança como potência inventiva e inacabada nos atravessamentos, invenções e lutas contra os efeitos do colonialismo” (Rufino, 2019, p. 26).

Guiados por esse entendimento, apresentamos a seguir os marcadores das africanidades promovidos pela Pretagogia. Estes foram usados na pesquisa para que o grupo de professoras(es) compreendessem que as africanidades se referem a tudo àquilo que nos permite uma conexão histórico-cultural com a África e que são marcas ancestrais que nos conecta, desde membros da nossa linhagem às práticas presentes no cotidiano de todas/os as/os brasileiras e brasileiros (Alves; Petit, 2015), em especial no dia a dia do povo cratense, cidade negra, África viva.

3 OS MARCADORES DAS AFRICANIDADES E A PRETAGOGIA DELINEANDO A PESQUISA-PRETAGÓGICA

A Pretagogia é uma potência de experimentação educativa, de exercícios pedagógicos inventivos, criativos e artísticos. Ela se constituía enquanto referencial teórico-metodológico, mas hoje ultrapassa tal conceituação e se configura como um referencial filosófico-teórico-metodológico a partir da cosmopercepção africana. Pretagogiar é pensar e fazer ações educativas, direcionar atos que sejam comprometidos com a vida! Mas antes de experienciar e vivenciar com o outro, faz-se necessário vivenciar e experienciar consigo mesmo o/a próprio/a pesquisador/a.

Trata-se de um jovem referencial que vem há algum tempo, a partir de um coletivo de pesquisadoras(es), promovendo pesquisas científicas, desenvolvendo práticas educativas,



atividades e eventos na perspectiva da formação docente para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, bem como a educação das relações étnico-raciais (Meijer, 2019).

Seus fundamentos surgem a partir do trabalho de professoras/es, ativistas do movimento negro e pesquisadoras/es relacionados direta ou indiretamente ao Núcleo das Africanidades Cearenses (NACE), um Núcleo de estudos Afro-brasileiro ligado à Faculdade de Educação da UFC, tendo como orientadora e coordenadora a professora Sandra Haydée Petit, uma de suas criadoras (Meijer, 2019).

Busca-se, nas vivências pretagógicas, fomentar mudanças de postura e propiciar apropriação, que vão desde a descoberta do pertencimento afro, passando pela reflexão acerca de práticas racistas que nos afetam, o reconhecimento das contribuições das/os negras/os na nossa cultura e, sobretudo, a compreensão e valorização da riqueza, diversidade e complexidade dos sistemas culturais africanos, afro-brasileiros e afrodiaspóricos em geral.

Para tanto, parte-se dos seguintes princípios: 1) Autorreconhecer-se afrodescendente; 2) Apropriação da ancestralidade; 3) A religiosidade de matriz africana como fundamento da cultura brasileira; 4) Reconhecimento da sacralidade; 5) O corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes; 6) Tradição oral valorizando o conhecimento que é repassado de modo transversal por meio da oralidade, da vivência e da experiência; 7) Circularidade na relação entre os seres, os tempos e as coisas; 8) Noção de território como espaço de tempo socialmente construído e perpassado através da história de várias gerações; 9) Lugar social historicamente atribuído ao negro, marcado pelo racismo estrutural, o que nos exige posturas de desconstrução do estigma forjado secularmente à população afrodescendente (Petit, 2015).

Guiada por esses princípios, a Pretagogia promoveu várias experimentações educativas afrorreferenciadas, que deram origem a novos conceitos, como é caso dos marcadores das africanidades que estão representadas por meio de trinta temáticas (Alves; Petit, 2015). São marcas da influência africana no nosso cotidiano, a saber:



Quadro 1 - Marcadores das Africanidades

1 – História do meu nome	16 – Danças afro
2 – Histórias da minha linhagem	17 – Cabelo afro (encaracolado/cacheado/cresto) – práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos
3 – Mitos/lendas/o ato de contar/valorização da contação	18 – Representação da África/relações com a África
4 – Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade/territorialidades/ e Desterritorialidades negras (movimento de deslocamentos geográficos, corporais simbólicos)	19 – Negritude – Força e Resistência
5 – Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e valor da comida	20 – Artesanatos
6 – Pessoas negras referências da minha família e da minha comunidade e pessoas negras referências do mundo, significativas para mim	21 – Outras tecnologias
7 – Simbologias da circularidade/Tempos cíclicos e da natureza	22 – Valores de família/filosofias
8 – Práticas e valores de iniciação/Ritos de transmissão e ensino	23 – Racismos (perpetrados e sofridos)
9 – Mestras e mestres negras/negros (da cultura negra)	24 – Formas de conviver/laços de solidariedade/relações comunitárias
10 – Escrituras Negras	25 – Relação com a natureza
11 – Curas/Práticas de saúde	26 – Religiosidades Pretas
12 – Cheiros “negros” significativos	27 – Relação com as mais velhas e os mais velhos/senhoridade (respeito aos mais experientes)
13 – Festas afro da minha infância e festas de hoje	28 – Vocabulário afro/formas de falar
14 – Lugares míticos e territórios afro-marcados (investidos pela negritude)	29 – Relação com o chão (vivências e simbologias)
15 – Músicas/cantos/toques/ritmos/estilos afro	30 – Outras práticas corporais (brincadeiras tradicionais/jogos e outros)

Fonte: Alves; Petit 2, 2015, pp. 138-13

Segundo as autoras supracitadas, o uso da palavra marcador inclui a ideia de algo que nos marca. Ou seja, são marcas afroancestrais que estão no nosso corpo, na nossa história, na nossa memória, que independem dos traços fenotípicos. Essas temáticas demonstram que temos muito das africanidades em nós, em nosso cotidiano e na nossa história familiar, regional, estadual e nacional. Vale dizer que os marcadores não são necessariamente somente os apresentados acima, podem ser ampliados a partir de outras buscas e achados ancestrais (Alves; Petit 2, 2015).



Assim, revelam-se propiciadores de autorreconhecimento da ancestralidade africana, por isso experienciamos, na pesquisa-pretagógica, trazendo para o chão redondo da escola os marcadores ancestrais marcados nas práticas culturais do povo cratense. Trata-se de um esforço da releitura da produção cultural dos elementos de base africana na cultura local, para a inserção do ensino das africanidades no currículo das redes de ensino.

4 O DIA EM QUE O CHÃO DA ESCOLA VIVENCIAU/ EXPERIMENTOU/ SENTIU AS AFRICANIDADES QUE ECOAM NA CULTURA NEGRA CRATENSE

A investida nessa formação se inspirou nas palavras do mestre Hampâté Bâ (2010), que, ao falar de tradição em relação à cultura africana, refere-se à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos e afrodescendentes terá validade, a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, em especial de mestre a discípulo, ao longo dos séculos (Hampâté Bâ, 2010).

Dessarte, procuramos sentir a força e potência da palavra nas expressões e singularidades das/os mestras/es da cultura negra cratense, por meio dos grupos de reisados: “O Baile do Menino Deus” e “Reisado do Mestre Aldenir”, bem como das ladainhas cantadas na roda de capoeira com o grupo “Muzenza”, além da pisada feminina do coco, entoada pelas cantigas do grupo “A gente do coco das Mulheres da Batateira”.

Nesse sentido, não poderíamos deixar de fora desse encontro de mestres e mestras da cultura negra, as/os discentes, pois elas/es precisavam vivenciar e sentir junto aos educadores em formação, a tradição oral tecida pelas/os produtoras/es de cultura negra da cultura local, para perceberem como a oralidade é também uma grande escola da vida e dela se recupera e se relaciona todos os aspectos (Hampâté Bâ, 2010).

A vivência pretagógica aconteceu com todas/os juntas/os no pátio da escola, onde a produção de conhecimento teve uma relação marcante com o corpo, pois, como nos diz Petit: “Tudo parte do corpo, o corpo é referência” (2015, p. 95). Por isso, nas culturas africanas e negras em geral, o corpo está presente em todos os rituais. Nesta perspectiva, as vivências possibilitaram a todas/os uma conexão com o corpo, que é fonte de saber e produtor de conhecimento. Outro princípio fundante da vivência foi exercitar a oralidade e a circularidade, princípios reconhecidos como padrão na cultura africana, em que a oralidade se apresenta como



[...] o caráter sagrado da fala; a fala como força vital; a fala como vibração que produz ritmo e música; a tradição como forma de aprendizagem e de iniciação, a importância da viagem como dimensão formadora; a importância da genealogia; os ofícios tradicionais; a visão de totalidade e de percepção total (Petit, 2015, p. 113).

A circularidade tem a integração e a horizontalidade como características principais, se fundamentando em não excluir, dessa forma, essa integração decorre pela oralidade e se apresenta como alicerce nesta formação na roda de capoeira, na pisada do coco das dançadeiras e nos movimentos expressivos dos reisados (Silva; Machado, 2017).

Desse modo, na manhã de sábado letivo⁷, iniciou-se o momento com as dançadeiras do coco. Primeiramente, a mestra Dona Edite nos contou a historiografia do grupo, na sequência, passamos para o segundo momento, “dançar o coco, pisar o coco”.

Figura 1 - Mestra Dona Edite contando a história do grupo “Agente do Coco”/ Dançadeiras dançando o coco:



Fonte: Os autores, 2017

Essas mulheres, através de sua vida, de sua arte e principalmente do Corpo-dança afroancestral⁸ (Petit, 2015), são continuadoras da tradição oral africana na cidade de Crato que, nelas e por elas, renova-se e atualiza-se, fortalecendo os laços afroancestrais de nossas raízes, tecendo nossas linhagens, são produtoras de conhecimentos e saberes através do corpo e mestras tecelãs da memória falada/cantada/dançada (Masullo, 2015).

⁷ O sábado letivo é um dia de aula comum, que faz parte do calendário escolar para completar a carga horária.

⁸ Abordagem das danças africanas e afro-brasileiras como ferramenta de acesso à cosmopercepção africana, na perspectiva de uma linhagem, ou tradição oral a partir de referências bibliográficas, que ajudam a delimitar um sentido filosófico-pedagógico dentro da literatura mais ampla dedicada às danças negras (Petit, 2015).



Na sequência, seguimos para a próximo movimento com as africanidades, o testemunho da tradição oral incidiu com as/os guardiãs/ões da memória das/os mestras/os de reisados. Momento especial para a instituição, pois tivemos a participação de dois grupos enegrecendo a ambiência escolar. E um deles, tecido pela mestra de reisado mais velha da tradição, que fez sua passagem dias após seu testemunho na escola, a memorável mestra Dona Zefinha (*in memoriam*).

O que se encontra por trás do testemunho da Mestra, é o que Hampâté Bâ (2010) chama do valor de homem/mulher que faz o testemunho, o valor da cadeia da transmissão da educação lá onde não existe a escrita, mas que a palavra profere. Ela, Dona Zefinha, foi a palavra e continua sendo porque seu testemunho não encerrou com a sua passagem, a sua palavra permanece viva! Seguido o momento da grande aula que a mestra nos concedeu com seus ensinamentos, através de suas palavras, passamos para às brincadeiras, aos cânticos e danças envolventes com o Reisado “O Baile do Menino Deus”:

Figura 2 - Reisado O baile do Menino Deus ancestralizando a escola/ Mestra Zefinha (*in memoriam*) tecendo diálogo com as (os) alunas (os).



Fonte: Os autores, 2017

Após a apresentação do reisado Menino Deus, fomos agraciados em saber que algumas alunas da escola integravam o grupo. Esse fato nos remete a pensar a respeito de quantas/os alunas/os nossas/os são envolvidas/os em práticas e manifestações de base africana e não sabemos por que não desterritorializamos as memórias ancestrais das/os educandas/os.

No ato da apresentação, era perceptível o entusiasmo, o olhar delas/es indicando infinitas possibilidades curriculares com o marcador do reisado. Na sequência das apresentações das



africanidades, tivemos o reisado Mestre Aldenir, momento em que o mestre e a mestra complementaram a ação formativa sobre a tradição da base africana, testemunhando sua experiência de 37 anos preservando o reisado.

Figura 3 - Mestra Tereza contando a historiografia do reisado/ Reisado do Mestre Aldenir enegrecendo a escola



Fonte: Os autores, 2017

Se a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vaivém que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação (Hampâté Bâ, 2010). Esse movimento de vaivém é simbolizado na fala da/o mestra/e pelos gestos ora alegres, ora tensos, gestos acenados pela boca, pelas mãos, pelo olhar, pelo coração. O mestre falou, a mestra também, nos proporcionando uma experiência encantada e nos convidando a tecer a teia na escola: “Aqui é que é nosso lugar, na escola, meu povo, esses meninos é quem vão continuar nossa história, nossas tradições” (Mestre Aldenir).

O verso apresentado acima invoca as sabedorias ancestrais assentes na gramática das mestras e dos mestres da cultura negra (Rufino, 2019). Terminar a apresentação com esse relato foi fundante, pois ainda que o tempo tenha sido pouco para o conjunto de africanidades, realizar as cantigas, ladainhas, jogos de espada, danças, gingas, entre outros movimentos corpóreos e orais, fizeram nos alegrar ao ver a escola despertando os sentidos de pertencimento afro, se permitindo descobrir que todos e todas fazemos parte, de um modo ou de outro, da roda da ancestralidade africana (Alves; Petit, 2015).

E, ainda como parte da ação formativa, tivemos mais uma vivência pretagógica com o grupo de capoeira Muzenza, levando a perspectiva do corpo-dança afroancestral como subsídio



pedagógico de acesso à cosmopercepção africana. A ritualística e o potencial performático da capoeira se revelam através da gestualidade e da musicalidade nas cantigas entoadas pelas ladainhas, que se corporificam na relação existente entre o material e o espiritual, assim como o sentimento individual e coletivo das/os sujeitas/os envolvidas/os nessa tradição, legado das/os nossas/os ancestrais negras/os.

Consideramos o momento oportuno para que o Mestre convidasse o professorado e alunado a participarem da roda, conforme as imagens abaixo de um professor e uma aluna da escola no movimento de ginga, alargando a roda da ancestralidade.

Figura 4 - Capoeira Muzenza empretecendo a escola/ Alunas e professor da escola jogando capoeira



Fonte: Os autores, 2017

5 RESULTADOS E REFLEXÕES

A inclusão dos marcadores das africanidades, numa perspectiva pretagógica na formação de professoras/es, nos rendeu resultados que consideramos extremamente relevantes na formação docente das/os educadoras/es da rede municipal de ensino de Crato e que merece ser compartilhado para que outras escolas percebam a potência de trabalhar com os marcos afroancestrais fincados na cultura negra brasileira. Na avaliação diagnóstica sobre a temática, com base no registro das sanfonas⁹, algumas reflexões de destacam e gostaríamos de retomar as falas da gestão escolar e do professorado a respeito do presente momento:

⁹ Dispositivo pretagógico usado nas vivências formativas para tornar o tema da cosmopercepção africana circular e transversal, através de várias temáticas interligadas.



Olha, foi muito bom trabalhar com as africanidades locais que nossos livros não tratam, percebi que nossas afroancestralidades são tecidas em comum. Um(a)s perpassam as outras e nos unem e nos fortalece (Coordenadora pedagógica).

Aprendi a me conectar mais comigo a partir desses elementos ancestrais tão próximos a mim. Dentro da minha própria casa tenho um irmão que é capoeirista e não enxergava a beleza ancestral e pedagógica que é o jogo, não valorizava o que ele sempre levou tão a sério, o tesouro ancestral que é a capoeira, que é tão valiosa, quanto aprendizado no dia de hoje!!! [...] (professora – 3º ano).

Aprendi que as nossas formações estão muito atrasadas, que as escolas precisam resgatar, valorizar, canalizar e transformar a sabedoria ancestral em conteúdo, em um novo currículo afrorreferenciado (professora – 1º ano).

[...] Foi emocionante, ancestral, lindo e intenso! Realmente para mim aumenta minha convicção que pertencimento é um caminho seguro de fortalecimento afrocomunitário. Nem sei por onde começar a trabalhar na minha sala de aula com tanta riqueza de aprendizado que nos foi passado por todas as mestras e os mestres da nossa cultura negra, por todos os grupos afro, agora é disseminar em sala de aula [...] (professora – 5º ano).

Em quase todos os momentos da avaliação diagnóstica se constata que os marcadores das africanidades foram banidos das formações docente, conseqüentemente ocultados do currículo escolar e das práticas pedagógicas das/os educadoras/es. Trazer esses relatos nos alegria e nos entristece, pois aos lermos as sanfonas conseguimos identificar os prejuízos que a educação contemporânea traz à formação docente.

Vivenciar essa experiência nos possibilitou auxiliar a escola a refletir sobre a oportunidade de experienciar situações inovadoras com a Lei 10.639/2003, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura africana e afro-brasileira na educação básica, fora da rotina pedagógica tradicional e eurocentrada¹⁰, aulas com capacidade de recriar outras metodologias que possibilitem, aos educadores e educandos, valorizar os marcos ancestrais e nutrir um sentimento de pertencimento afro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa-pretagógica objetivava a possibilidade de afirmar uma mirada ancestral e contribuir com a formação docente a partir de uma teoria-metodologia-filosofia pretagógica, em perspectiva afrorreferenciada, sob o aporte dos marcadores das africanidades.

¹⁰ Corresponde a um currículo escolar ocidental, centrado unicamente na valorização da produção de conhecimento do continente Europeu.



Temos a convicção de que nosso objetivo enquanto pesquisadoras/es foi alcançado, apesar de faltar muito ainda para que este seja um objetivo solidamente conquistado na rede de ensino de Crato, uma vez que a secretaria municipal de educação da referida cidade precisa garantir aos educadoras/es formação permanente e continuada acerca da história e cultura africana e afro-brasileira.

No entanto, ao longo dos encontros, constatamos, nos pensares e fazeres didáticos-pedagógicos das/os docentes e, por conseguinte, na estrutura curricular da escola, a inclusão dos marcos ancestrais que tem se mostrado uma grande contribuição da pesquisa no sentido de influir na construção de um pensamento e currículo pretagógico, que afirma os marcadores das africanidades na cultura negra local.

Ao passo que um dos autores do artigo vai acompanhando o cotidiano da escola, por ser pesquisador e também professor da instituição pesquisada, temos plena convicção de que os docentes estão incluindo em suas práticas pedagógicas os marcadores de natureza ancestral, para não deixarem as marcas afroancestrais atravessadas nas vivências formativas, no esquecimento da memória e da história da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; SANTOS, Silvia Maria Vieira. Pretagogia, ancestralidade e encantamento: encruzilhadas epistemológicas na pesquisa e na formação docente. *In*: FRANCO, Roberto Kennedy Gomes; GONZÁLEZ, Pedro Francisco; BEZERRA, Tânia Serra Azul Machado (org.). **JOINBR** – Encontro Internacional de Jovens Investigadores – Edição Brasil 2017: Investigar para Transformar Campina Grande: Realize Editora, 2018. *E-book*.

ALVES, Maria Kellynia Farias; PETTT, Sandra Haydée. Pretagogia, Pertencimento Afro e os Marcadores das Africanidades: Conexões Entre Corpos e Árvores Afroancestrais. *In*: MACHADO, Adilbênia Freire; ALVES, Maria Kellynia Farias; PETTT, Sandra Haydée (org.). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Tradição Oral. *In*: KI-ZERBO, Josef. **História Geral da África**. São Paulo: Cortez, 2010. v. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: MEC, 2004.



LEITE, Andrade Emanuel. **Tessituras afrorreferenciadas:** contribuições pretagógicas em processos formativos de professoras e professores das escolas municipais de Maracanaú. Dissertação (Mestrado em Ensino e Formação Docente) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Ceará, Redenção, 2021.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e Encantamento:** filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MACHADO, Adilbênia Freire; Petit Sandra Haydée. Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 10, p. 01-28, e020074, 2020.

MASULLO, Alessandra. **Na Pisada Feminina do Coco Cearense:** Saberes, Lutas, Batuques Ancestrais e Contemporâneos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. A formação docente afrocentrada da Unilab: o saber docente ancestral no ensino de didática nos países da integração. **Revista Debates em Educação**, Maceió, v.11, n.23, jan./abr. 2019.

NUNES, Cícera. O Ensino das Africanidades no Cariri Cearense. **Revista África e africanidades**, ano 4, n. 14-15, ago./nov. 2011. ISSN 1983-2354.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil:** elementos para uma filosofia afrodescendente. 2. ed. Curitiba: Editora Gráfica, 2006.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da ancestralidade:** corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

PÉTTI, Sandra Haydée. **Pretagogia:** Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Francisco Orismidio Duarte da. **A arte de educar gingando:** Aspectos e Contribuições da Capoeira para a Educação. Dissertação (Mestrado profissional em Educação) – Universidade Regional do Cariri, Ceará, Crato, 2020.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 19, n. 73, p. 26-30, jan./mar. 2003.



SILVA, Samuel Morais; MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade africana tecendo saberes: corpo-extensão mediando a formação. *In*: SILVA, Geranilde Costa e; LOPES, Monalisa Soares; MONTEIRO, Rita Maria Paiva (org.). **Experiências em ensino, pesquisa e extensão na universidade**: caminhos e perspectivas. Fortaleza: Imprece, 2017. p. 481-494.

Enviado em: 27/03/2023
Aceito em: 25/09/2023